



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA  
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

JUNIOR GOMES LEAL  
WILLIAN FERRAZ DA SILVA

**VOZES DIALÓGICAS EM A REVOLUÇÃO DOS BICHOS DE GEORGE ORWELL:  
LEITURA, DISCURSO E EDUCAÇÃO NO ENSINO DE LITERATURA**

ALTAMIRA – PA  
2025

JUNIOR GOMES LEAL  
WILLIAN FERRAZ DA SILVA

**VOZES DIALÓGICAS EM A REVOLUÇÃO DOS BICHOS DE GEORGE ORWELL:  
LEITURA, DISCURSO E EDUCAÇÃO NO ENSINO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, Campus universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará, como requisito final para obtenção do título de Licenciado(a) pleno em Letras-Língua Portuguesa.

**Orientador** Prof. Me. Adelson Luiz Bayma da Silva

ALTAMIRA – PA  
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

G633v GOMES LEAL, Junior.  
VOZES DIALÓGICAS EM A REVOLUÇÃO DOS BICHOS  
DE GEORGE ORWELL : LEITURA, DISCURSO E  
EDUCAÇÃO NO ENSINO DE LITERATURA / Junior GOMES  
LEAL, WILLIAN FERAZ DA SILVA. — 2025.  
22 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Adelson Luiz Bayma da Silva  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do  
Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Letras -  
Língua Portuguesa, Altamira, 2025.

1. Ensino de literatura; . 2. Análise do discurso;. 3. A  
revolução dos bichos; . I. FERAZ DA SILVA, WILLIAN.  
II. Título.

---

CDD 400

## RESUMO

Este artigo, decorrente de um Trabalho de Conclusão de Curso, apresenta proposições didático-pedagógicas acerca das vozes e discursos presentes no clássico literário universal *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), no que tange ao ensino de literatura e suas possibilidades de aplicação em turmas do Ensino Médio de escolas públicas na Amazônia, em sua diversidade sociocultural e linguística. Com enfoque na formação de leitores críticos sobre suas realidades, este trabalho reflete nas práticas de leitura literária a partir da Análise do Discurso, com vista a uma análise materialista das relações de poder e dominação, articuladas às realidades cotidianas do alunado, atravessadas por marcadores como gênero, raça e classe. Neste sentido, a pesquisa segue orientações teórico-metodológicas de natureza qualitativa e interpretativa, fundamentadas em revisão bibliográfica e análise discursiva de trechos selecionados da obra, articulando aspectos das camadas críticas e enunciativas do gênero fábula. A escolha por essa temática revela-se fundamental diante da precariedade do ensino-aprendizagem de textos literários em escolas públicas. A abordagem pedagógica proposta, com base nesta obra, oportuniza o desenvolvimento de uma formação crítica e política por meio de uma leitura engajada, frente às alegorias da obra, que representam, de forma figurada, realidades e situações cotidianas no espaço-tempo escolar.

**Palavras-chave:** ensino de literatura; análise do discurso; *A revolução dos bichos*; contexto escolar

## ABSTRACT

This article, resulting from an undergraduate final thesis, presents didactic-pedagogical propositions concerning the voices and discourses present in the universal literary classic *Animal Farm* by George Orwell (1945), with regard to the teaching of literature and its possibilities of application in high school classes in public schools in the Amazon, within their sociocultural and linguistic diversity. With a focus on fostering critical readers of their own realities, this work reflects on literary reading practices through the lens of Discourse Analysis, aiming at a materialist examination of relations of power and domination, articulated with students' everyday realities and traversed by markers such as gender, race, and class. In this sense, the research follows qualitative and interpretive theoretical-methodological orientations, grounded in bibliographic review and discursive analysis of selected excerpts from the work, articulating aspects of the critical and enunciative layers of the fable genre. The choice of this theme proves fundamental in light of the precarious conditions of teaching and learning literary texts in public schools. The proposed pedagogical approach, based on this work, enables the development of a critical and political formation through engaged reading, in the face of the allegories of the book, which figuratively represent everyday realities and situations within the school space-time.

**Keywords:** literature teaching; discourse analysis; *Animal Farm*; school context

## 1. Introdução

Este artigo enquanto Trabalho de Conclusão de Curso, parte da obra *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1945), sendo concebido enquanto clássico da Literatura universal (escrito a partir de elementos alegóricos em contexto da Revolução Russa na antiga União soviética), com vista a importância didático-pedagógica deste em um contexto marcado pelos desafios do que vem a promover uma leitura literária crítica e significativa em escolas públicas. Por esse motivo, propõe-se um breve apanhado histórico do ensino de literatura no Brasil assinalando em como, desde o domínio dos jesuítas, o ensino da leitura e da literatura privilegiou a instrumentalização de certa dominação e controle ideológico, em parte e recorrente distante da vivência dos estudantes e frisado por censuras, imposições e apagamentos de vozes e textos importantes.

Em um cenário de desafios históricos no ensino da língua, a escolha desta obra como objeto de estudo, visa justamente responder às questões norteadoras sobre como pensar o ensino de literatura, a partir da análise do discurso nesse espaço? A quem comunicar e formar criticamente? Por esse motivo, a proposta pedagógica apresentada no artigo reposiciona a resposta crítica e insurgente a um longo percurso histórico de colonização do ensino de literatura no Brasil. E de como o ensino das correntes literárias esteve alicerçada nos interesses normativos e autoritários, mesmo que inicialmente respondesse às dimensões religiosas e também estatais, nas quais priorizavam o lugar de conformidade do que à emancipação dos sujeitos.

Por conseguinte, ao optar por trabalhar em os usos e sentidos da obra “*A Revolução dos Bichos*” em sala de aula, a partir de uma análise crítica do discurso e da realidade social do alunado, conectamos o papel da literatura no mundo, enfatizando o papel da escola como escopo de transformação e emancipação. Ao focar no desenho do público-alvo – estudantes do Ensino Médio da escola pública, aborda-se o fato de que este corpo estudantil em específico frequentemente vivenciam um ambiente escolar precarizado, aquém das múltiplas necessidades infra-estruturais, os quais desafiam o acesso a práticas de leitura que enveredar pela compreensão ética e política de um texto literário.

Neste sentido, para Zilberman (1993), não devemos pensar a leitura como habilidade simplória; é primordial que ela se alinhe de forma assídua à experiência literária. Isso envolve repensar a relação entre o estudante e um texto literário, por

meio de metodologias pedagógicas que se alinhem ao interesse, a identificação e o pensamento crítico. O desafio pedagógico e semântico com a mediação da obra “*A Revolução dos Bichos*”, está na relação e na apresentação da fábula, e sua dimensão satírica, que oferece um campo fecundo para essa prática, pois permite ao aluno refletir sobre estruturas de poder, manipulação ideológica e opressão de maneira acessível, mas profundamente crítica.

Enfatiza-se que a obra de Orwell apresenta a história de animais que se revoltam contra o domínio humano na Granja do Solar (posteriormente Granja dos Bichos), instaurando um novo regime que, com o tempo, se revela tão opressor quanto o anterior. A escrita utiliza a sátira como dimensão discursiva, no qual reitera os mecanismos da dominação e os efeitos da linguagem na constituição do poder, metaforizados em personagens que denotam as estruturas políticas e sociais por meio dos personagens e suas características humanas.

## **2. Orientações teórico-metodológicas**

A partir do campo epistêmico da Análise do Discurso, e das ontologias acerca dos gêneros discursivos, é possível refletir a partir de Bakhtin (1997) os contextos de produção deste texto literário, os conjuntos de gêneros discursivos que abrangem em diferentes esferas sociais, refletindo e reproduzindo aportes ideológicos. Segundo este autor, os gêneros são modos relativos e estáveis de enunciado, formulados por finalidades comunicativas específicas.

Logo, “*A Revolução dos Bichos*” pode ser explorada como um exemplo de gênero literário com função social crítica, cujo discurso é polifônico, carregado de vozes sociais e tensionamentos históricos. Assim sendo, o ensino da literatura, como evidenciado neste artigo, ao utilizar esta obra como dispositivo didático e discursivo, evidencia um rompimento com as perspectivas conservadoras e normativas do ensino literário no Brasil, pensando em um fazer docente crítico/participativo.

Assim sendo, a obra em questão é primordial para análise deste contexto estrutural, no qual evidencia aos estudantes/leitores refletirem criticamente sobre os sistemas de poder que atravessam a sociedade, mesmo aqueles que se apresentam da imagem fajuta da justiça e da igualdade. Nesta dimensão, Bakhtin (1997) concebe a linguagem como essencialmente dialógica. Ou seja, isso significa que nenhum enunciado é neutro ou isolado, mas que cada discurso está neste campo de

imbricamento com outros discursos, que podem respondê-los ou de certo modo, antecipá-los.

No contexto da obra em questão é construído um ambiente ficcional cujas diferentes vozes sociais entram nesta cena discursiva: as dos animais oprimidos, as dos líderes autoritários, as dos personagens resistentes e daqueles que estão sobre o viés da marginalização. Posto isso, em uma orientação na AD bakhtiniana, esta dinamicidade de vozes não estrutura em uma via única, horizontal e característica estética da narrativa, mas que cerne as contradições ideológicas presentes nos regimes totalitários.

A proposta de uma intervenção literária com base na Análise do Discurso objetiva, portanto, repensar as práticas escolares tradicionalmente centradas no decodificar e na reprodução de conteúdos, promovendo, em vez disso, a problematização dos sentidos e a construção de leituras ativas e contextualizadas. Essa abordagem dialoga diretamente com os desafios enfrentados na educação básica em contexto amazônico, cujas formas de leitura e escrita apresentam outros contextos sócio-históricos de expressões linguísticas, e pensamento social crítico, mas que atravessam condições seculares e contextos educacionais espoliados.

### **3. Breve apanhado histórico sobre o ensino de literatura no Brasil: entre mediação e diálogos insurgentes**

Este tópico apresenta o percurso do ensino de Literatura no Brasil, à qual se refere a instalação da Companhia de Jesus, sob institucionalização de Inácio de Loyola, cujas intenções visavam dentro de um projeto de dominação: catequizar e civilizar. Diante disso, o processo de instauração das primeiras, que se pode afirmar, de dinâmicas literárias atravessaram um contexto marcado por intensas crises e transformações, das quais sofriam com o jugo da corte eclesiástica. Em face a este cenário, a censura foi fator impeditivo no que tange a circulação de obras importantes, inclusive as de autores como Sá de Miranda, essenciais para o desenvolvimento do pensamento literário.

Por conseguinte, em sua pesquisa, Gilberta Cassavia (1981, p. 5) assinala acerca do lugar proeminente do surgimento da Literatura no curso da história e tradição escolar brasileira. Deste modo, a autora evidencia uma questão: “Dos jesuítas vindos ao Brasil com Tomé de Souza à Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional, de 1961, quais os sucessivos avatares ao longo do ensino da literatura?” Este questionamento cerne a possibilidade de compreender como a Literatura foi incorporada pelas políticas educacionais, no âmago dos acirramentos ideológicos e paradigmáticos.

Em consonância a esta discussão apontada pela autora, reitera-se que o sistema educacional jesuítico, estava edificado a partir do *Studium*, bem como das dimensões ancoradas nas grades teóricas o Trivium e do Quadrivium; estas que eram nomenclaturas herdadas na antiguidade clássica, e por sua vez, foram interpretadas e denominadas a partir de uma perspectiva universalizante. Com isso, Cassavia (1981) reitera as vertentes as quais foram fundamentais no que concerne ao ensino de Literatura, sendo elas: a gramática e a retórica. Com isso, é primordial assinalar que ao longo da história clássica, a gramática sustentou-se como um campo científico embrionário da literatura.

Na construção desta ótica filosófica histórica, a então pedagogia da *Ratio Studiorum*, proposta pelos jesuítas, priorizava a construção de um currículo que orientava em torno de cinco classes, sendo elas estruturadas a partir: de humanidades e uma de retórica, bem como três de gramática. Por esse motivo, as classes gramaticais podiam durar de seis a sete anos, sempre com o Latim como disciplina central e dominante.

No contexto da reforma Pombalina, no decorrer do século XVIII, esteve na centralidade da elaboração desse currículo no qual prevê em torno de cinco classes, cujas reformas pombalinas estiveram presentes na modernização do sistema educacional português, tentando romper com o modelo jesuítico e aproximar-se do modelo britânico. Nesta ótica, a intenção era simplificar os estudos com vista ao ingresso de uma amplitude maior de pessoas no âmbito de um ensino universitário. É neste sentido, que os autores evidenciam o aprimoramento da Língua portuguesa na inclusão e diante da sua aplicabilidade enquanto ramo científico.

Cassavia (1981) também evidencia que a implementação das reformas não se deu de forma flexibilizada, houve resistência. E que neste ponto, a retirada dos jesuítas e, o alinhamento com a substituição dos quadros de professores em vista às novas diretrizes da Coroa portuguesa nos quais culminaram tensões e conflitos, vista a exigência de novos profissionais. Por esse motivo, é um período de um período significativo em que a dimensão educacional estava abrindo caminho para uma nova

concepção de ensino da Literatura e da linguagem no país, cuja intenção era nortear a ampliação e a presença de novos públicos.

A autora também assinala que a produção literária neste período foi evidenciada pelas documentações, crônicas, poesias religiosas dos jesuítas e pelos aventureiros que estavam cercados na ideação do “descobrimento”. E com isso, neste processo a imagem de “colônia” alimenta um discurso literário gerador de pensamento alienante em vista a exaltação do império português e as imagens cristalizadas da coroa e seus feitos. Frente a este contexto social, é que a autora enfatiza não haver produções literárias no país, pois os discursos estavam centralizados na ideação de “vender” uma imagem romantizada e conservadora do país.

Através deste panorama histórico, o conceito de literatura nacional revela-se a partir de 1862, em face da implantação da disciplina que passou a ser intitulada de Português. Apesar de ser inserida neste contexto de implantação do currículo escolar, foi mediante este período, que Cassavia (1981), argumentou o surgimento da Literatura enquanto ramo disciplinar na reforma de Eusébio de Queiroz em uma disciplina nomeada de Eloquência Prática em quadros de Literatura Nacional. Posto isso, este mesmo cenário decorre com a reforma de Marquês de Olinda inserida na disciplina Retórica e Poética e em História da Literatura Portuguesa e Nacional. Apesar desse contexto de reforma as aulas ainda seguiam a antiga metodologia baseada no *Ratio Studiorum*.

De acordo com Cassavia (1981) este imbricamento histórico na dimensão curricular do ensino de Literatura resultou na reforma de ensino, conforme a autora, em 1862, e após a vinda da Família real para o Brasil, revelou-se novas perspectivas no que tange a vida intelectual, em alusão à cultura literária na colônia. Este novo cenário também assegurava as consequências e transformações sociais, econômicas e políticas, marcadas pela criação da Imprensa, de Cursos superiores que priorizavam a profissionalização, quais sejam: Medicina, Economia, do Jardim botânico e, por conseguinte uma revista direcionada a própria Literatura no Estado do Rio de Janeiro

Neste apanhado histórico, a autora expõe que a caminhada do ensino de Literatura no Brasil acompanha também as transformações registradas com o intuito de escolarizar as pessoas para a atribuição de pequenos cargos burocráticos. Assim como, aspectos da Revolução Francesa e Industrial moldaram o movimento de independência, e de certo modo caminhou para a influência de ideias filosóficas e literárias.

Nos meandros deste contexto, Cassavia (1981,p.41-42 ) reflete que a vinda se instaurou por meio do decreto de descentralização de províncias proposto por D. Pedro I a criação de dois sistemas paralelos de ensino: o provincial e o geral; no entanto essa reforma apresentou-se de forma precária haja vista que os poderes gerais ainda mantinham por determinado tempo o controle do ensino secundário no país. Apenas a partir de 1835 foram criadas as primeiras escolas normais com cursos de no máximo 2 anos e nível secundário com objetivo de melhor preparar o corpo docente escolar, mas é claro que toda essa transformação trouxe uma série de problemas, a começar pelo sobrecarga do corpo docente cuja função não era apenas dedicada às aulas, mas também cuidar do ambiente físico onde as mesmas eram realizadas.

Nesse sentido,Cassavia (1981,p.43) em uma vasta retomada histórica, a partir da instauração e ambientação da escola, esta autora descreve como D. Pedro II ressalta que o processo formativo aos estudantes obedecerá um contexto situado a partir de 6 a 8 anos. Diante disso, o âmbito da escola padrão no País na época ressurgiu através de grandes mudanças que iniciam com a instauração em 1838, a partir da institucionalização das Letras Clássicas em um período que abrange até 1841, em face de uma ascensão deflagrada pela hegemonia dos estudos literários. Esta combinação salienta uma reforma de currículo que abarcasse Latim, Retórica e Poética, entre outras disciplinas, revelando uma pilarização puramente enciclopédica.

Ao retomarmos este contexto histórico compreendemos o quanto a instauração do ensino de Literatura no Brasil está indissociado das transformações no cenário político e econômico. Desde o processo de estabelecimento do Romantismo, o qual seguiu um norteamento burguês e entrelaçou a perspectiva da classe territorial na sua fase de urbanização. Esta relação com a coroa comportou a análise e crítica dos clássicos portugueses, discursos, narrações, incluindo a história da Literatura Portuguesa e Nacional.

Em meio a estes contextos de mudanças e ressignificações, o ensino de Literatura acompanha também a instauração da disciplina de Português como estudos de gramática, análise lógica e gramatical, exercícios de leitura e recitação notícia histórica sobre sua formação e progresso, leitura dos clássicos, exercícios de redação e composição. Cassavia (1981) o surgimento da retórica e a poética, revelam uma subdivisão cuja Leitura e apreciação literária dos melhores clássicos da Língua Portuguesa apontam os caminhos para a história da Literatura em geral, articulada

com o estudo da literatura portuguesa e nacional, além da composição de discursos, narrações e declamações.

Ainda caminhando por este patamar teórico fundamentado por Cassavia (1981), é possível repensar um imbricamento de como este processo de instauração da Literatura caminhou para as reformas subsequentes em contextos socioculturais diversos, e que embrionariamente visou fomentar o civismo e o patriotismo entre os estudantes. Foi apenas diante da derrocada de governos republicanos, no qual culminou na criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e neste processo houve intensificação do ensino da Língua Portuguesa, com foco na atribuição da carga horária, na inserção de ensino formal da literatura em contexto educacional do ensino médio.

Mesmo sendo institucionalizada, e apesar de reformas significativas, e estruturais, este contexto não rompeu com a visão tradicional, sendo a língua tratada a partir de um instrumento de transmissão de ideias normativas e a literatura, enquanto meio de veiculação de valores conservadores, em discrepância das realidades sociais e culturais do país. Assim, o ensino da literatura no Brasil refletiu mais os interesses ideológicos e normativos do Estado do que uma abertura para a formação crítica dos estudantes.

#### **4. Vozes dialógicas e ensino de literatura: notas críticas pedagógicas sobre a obra “A Revolução dos Bichos”**

O ensino de literatura, em contexto escolar, tem caminhado para novas correntes paradigmáticas em face das transformações societárias que conduzem o “ler”, “aprender” o texto literário em sua diversidade. A cultura da leitura e da escrita atravessa diferentes modos de recepção cultural e social e que reivindicam do corpo docente metodologias atualizadas conforme as demandas postas. Para Lajolo (2000) vem se agravando pelo processo de recepção dos textos literários, que ora são atravessados por hábitos impostos, a uma cultura e tradicionalismo pedagógico em aulas de língua portuguesa, marcados pela dinâmica da obrigatoriedade.

A autora reafirma que certos desencontros e desafios da própria linguagem pela qual costumamos falar do ensino de literatura, a crença de que é preciso ensinar e aprender literatura como instrumento obrigatório, como atividade exigida. Logo, a

função do docente caminha para um confinamento em um papel de propagandista, persuasivo, que vende a literatura como produto, levando-a à perda de sua especificidade. Isto de certo modo, exige do professor uma escuta atenta às mudanças e metodologias que dialoguem com a realidade dos alunos, o que nesta pesquisa destacamos as realidades sócio-históricas da escola pública.

Nesta linearidade, Antonio Candido (2000) complementa o quanto a literatura pode ser interpretada a partir de uma prática social, na qual entrelaça o encontro do leitor consigo mesmo e sua relacionalidade com o mundo. Além disso, ele é um dos autores que reitera os problemas da institucionalização da literatura e o impedimento do relacionamento genuíno com a obra.

Para superar essas limitações, é primordial elencar uma abordagem mais dialógica, que valorize a experiência estética, a diversidade cultural e a leitura como prática de autonomia, crítica e descoberta. Posto que, o próprio modelo conservador, no qual a língua é vista como ferramenta, na qual assinala a literatura enquanto veículo e reprodução de reforço moral. Nesta discussão, Lajolo (2000) revela como a escola atuando em face da mediação deste processo de ensinar a ler, tem contribuído com essa tarefa de forma mecânica e estática, sem esclarecer ao aluno a potencialidade da literatura enquanto conhecimento, e em contexto liberal perde seu caráter transformador, tornando-se algo desprovido de significado.

De tal modo, as concepções de Lajolo (2000) confluem com a abordagem de Candido (2000) em que o valor da leitura contempla o sentido e as experiências literárias, mantendo uma relação reacional com o contexto que o cerca. Por esse motivo para a autora, a leitura sempre vai ser esta possibilidade de descoberta dos mundos diversos, em sua complexidade

Um arsenal teórico-metodológico raso, em que Lajolo (2000) revela ser atravessado em parte, por uma cultura pedagógica tradicionalista sobre e propostas para o uso de texto literário em classe, podem transformar-se em armadilha ao docente que busca soluções rápidas e imediatas. Para a autora, não existem técnicas pródigas para o relacionamento entre o discente e o texto, e as que existem são mistificadoras, pois estabelecem uma solução superficial e aparente, refletidas em: “roteiros fáceis” de autoria secundarizada, marcada por um tom normativo, que reforça a ideia de que a literatura deve ser consumida como um dever, a estrutura funcional e mercadológica dos vestibulares para ingresso em ensino superior no Brasil, os quais

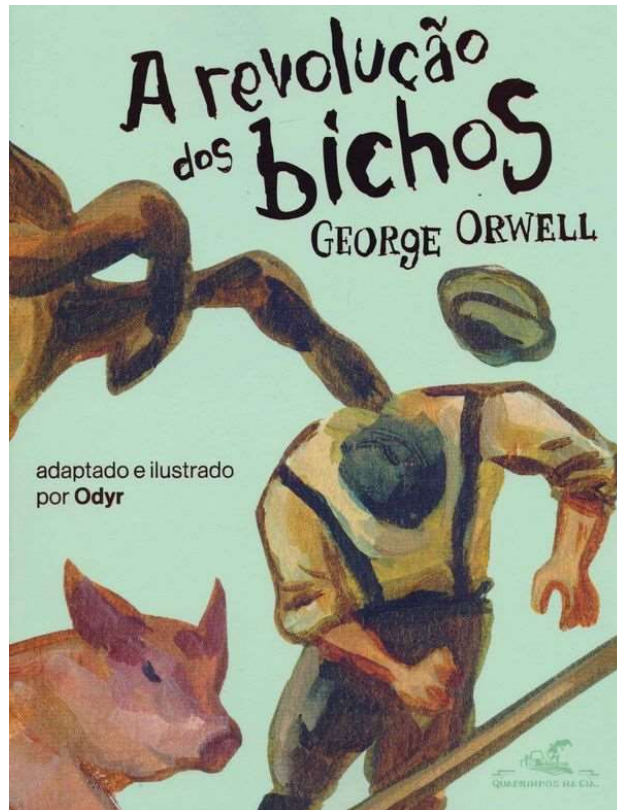
formulam guias práticos em leitura jogralizada, testes de múltipla escolha, perguntas abertas ou semiabertas, reescrituras de textos, resumos comentados.

Este processo muito bem ambientado por Lajolo (2000, p.28-35) ainda repercute nos contextos contemporâneos de ensino, em que ainda é preciso "vender" a literatura como um produto, ocultando seu valor formativo e sua potência transformadora, e transformando-a apenas em exigência curricular. Essa postura esvazia a especificidade do literário, reduzindo-o a uma prática mecânica ou a uma exigência curricular. A partir das acepções desta autora, reitera-se que o fazer didático-pedagógico do professor, é preciso ressignificar as didáticas atribuídas ao tradicionalismo do ensino de literatura, aperfeiçoando, por conseguinte: a relação entre contexto e obra, além da relação dos mesmos com as vivências dos alunos, entendendo que essa contemporaneidade permite a expressão até os impasses individuais do alunado.

#### 4.1. A aplicabilidade da obra de Orwell em contextos polifônicos literários:

Este contexto da obra "A Revolução dos Bichos", de George Orwell, ratifica uma crítica potente nos diversos modos de opressão ratificados na sociedade com foco na ênfase especial nos regimes autoritários e nas engrenagens da manipulação política. O autor reitera à sátira como fio condutor da narrativa, reescrevendo o humor ácido enquanto estratégias para enfatizar as práticas de dominação, as dimensões do controle simbólico e alienação. A obra traz elementos primordiais acerca das personagens, nas quais seguem representados através de animais dotados de fala e consciência política, e que por hora, incorporam o espelho metaforicamente distorcido e realista dos comportamentos humanos, de sistemas de governo, de ideologias que prometem emancipação, todavia instauram, ao final novas formas de tirania.

**Figura 01-** Capa a Revolução dos Bichos



**Fonte:** ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. Adaptação e ilustrações de Odyr. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2019. Capa do livro.

Neste ponto, é válido salientar que a estrutura narrativa da obra de Orwell é simples, todavia repleta de camadas. O cenário do acontecimento dos fatos enredados reflete em uma trama que ocorre em uma fazenda nos arredores da Inglaterra, onde os animais: porcos, galinhas, ovelhas, vacas, cães, pombas e até gatos, representam de forma alegórica, as classes sociais e os papéis políticos e modos de organização coletiva resistência e submissão. Nesta ótica, o fazendeiro Sr. Jones, atribuído a uma figura humana central, revela-se como o domínio explorador sobre os que produzem.

Neste viés os dois primeiros capítulos partem de um acontecimento emblemático o porco Velho Major chama os demais animais para refletirem sobre a exploração à qual estão submetidos. Neste sentido, ele contempla e reflete um mundo sem humanos, no qual os bichos seriam donos do próprio trabalho, da terra e do alimento. Diante deste sonho coletivo nasce o animalismo, uma ideologia baseada na igualdade e na autogestão. No entanto, desde o princípio, há resistências internas, assim como, alguns animais temem a perda de privilégios. Mas, à medida que o fazendeiro aprofunda os maus-tratos e a negligência, o estopim da revolta se acende.

Os bichos tomam a fazenda, expulsam os humanos e estabelecem os Sete Mandamentos do novo regime.

Os capítulos avançam para a organização do cotidiano animalista: há assembleias, bandeiras, cerimônias e um clima inicial de esperança. Todavia, os conflitos passam a emergir. Os trechos abordam sobre as diferentes formas de opressão, e peculiarmente, a respeito do autoritarismo em variados espaços da sociedade, bem como a manipulação, a qual se constitui como artifício fundamental para um Estado que preza pela opressão. Nesta ótica, o autor, no decorrer dos capítulos utiliza a sátira como recurso narrativo crítico, a qual tem como intuito ironizar por meio dos discursos diretos: costumes, modos de governo, pensamentos de uma determinada época.

**Figura 02-** Crítica ao totalitarismo



**Fonte:** FACTÓTUM CULTURAL. *A revolução dos bichos: conheça o clássico que critica o totalitarismo*. 17 out. 2021. Disponível em: <https://factotumcultural.com.br/2021/10/17/a-revolucao-dos-bichos-conheca-o-classico-que-critica-o-totalitarismo/>. Acesso em: 22 set. 2025.

Nesse sistema são caracterizados modos de vida, cujos bichos realizam cerimônias, hasteamento de bandeiras, assembleias, bem como momentos de recreação. No entanto, no decorrer do capítulo surgirão alguns conflitos, nos quais apresentaram marcas de autoritarismo. Já no capítulo 4, o momento histórico da revolução dos bichos será espalhado para outras granjas, e os outros donos receosos de que a surpreendente revolução contamine os outros bichos, utilizarão de boas

armas para acalmá-los. Nesse momento, o antigo dono da fazenda ao tentar recuperá-la, acaba por provocar a “Batalha do estábulo”, cujo mérito foi conquistado pelos animais.

É primordial evidenciar que, no decorrer dos capítulos, são destacados personagens como Bola-de-Neve e Napoleão, assim como as decisões políticas tomadas por eles em diversos trechos da narrativa, as quais, em sua maioria, não são aceitas pelos demais animais. Diante disso, no capítulo VI, após acordos firmados por Napoleão, os animais começam a sentir a ausência de certos produtos que antes eram elaborados ou produzidos na fazenda. O enredo então segue por outros caminhos, com a chegada de novos porcos à fazenda, o autor assinala que os privilegiados passam a integrar a rotina de alguns bichos. São pontos chave deste capítulo os momentos os quais surgem os primeiros conflitos entre os novos líderes da fazenda, caracterizados por intensas rivalidades.

**Figura 03:** Capítulos finais-a grande retomada



**Fonte:** HALAS, John; BATCHELOR, Joy. *Animal Farm*. Reino Unido: Halas and Batchelor/United Artists, 1954. Fotograma do filme.

Nos capítulos VII e VIII, o cotidiano dos animais torna-se cada vez mais conturbado, em razão do agravamento dos conflitos políticos instaurados por seus representantes, o que interfere diretamente na organização do espaço. As galinhas, por exemplo, são obrigadas a fornecer seus ovos e, caso não cumpram essa tarefa, são privadas de alimentação. Passam a ocorrer na fazenda episódios de roubo,

destruição e repressão, modificando de forma drástica as relações estabelecidas naquele ambiente.

Nesta relacionalidade, como a obra traduzida em fábula apresenta como característica primordial, a presença de personagens representados por animais, os quais têm como intuito criticar ou ilustrar valores morais e humanos. Assim sendo, no capítulo X, o autor descreve um cenário em que é possível elaborar vastas reflexões, tendo em vista que, com o passar dos anos, muitos animais já morreram e os mais novos crescem sem o conhecimento básico do que foi a Revolução dos bichos; a fazenda ainda vive as mesmas problemáticas, como uma sobrecarga de trabalho e escassez de comida. Ademais, o autor alegoricamente descreve que os porcos estão cada vez mais andando sobre duas patas, trajando roupas e assemelhando-se aos humanos, e o personagem Napoleão surge como um fiel representante dessa descrição, subjugando cada vez mais os animais da fazenda, tramando, e constituindo um poder autoritário.

Insatisfeitos com a vida de exploração, acesso ao mínimo de alimento necessário para continuar respirando e forçados a trabalhar até a última parcela de força, os animais decidem mudar esse cenário. As sementes do autoritarismo incidem dentro da nova ordem, com disputas por poder. Logo, as vozes da revolução se espriam em outras fazendas, e os antigos donos pensam no estarrecimento de o espírito revolucionário contagiar os outros animais. Apesar disso, decorre a emblemática Batalha do Estábulo, cujos animais se impõem com bravura.

Em uma perspectiva da Análise do Discurso considera-se que a obra “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell, abrange um conjunto de recursos narrativos, tais como a efervescência da sátira, e o uso alegórico de personagens lidos como animais, os quais denunciam, de forma incisiva, os mecanismos de opressão, manipulação discursiva e autoritarismo político. Nesta ótica, o contexto da fábula decorre em uma fazenda inglesa, mas sua dimensão simbólica é universal: o domínio dos porcos, refletem na liberdade dos tiranos, os quais representam a exatidão verídica a corrupção aos moldes revolucionários, com vista as mudanças dos discursos libertários em modos complexos de dominação.

É possível compreender mediante as falas dos personagens, como no caso das personagens Napoleão e Bola-de-Neve, as intenções ideológicas antagônicas. Embora ambos revelam as dicotomias sistêmicas entre esperança e mudança, Napoleão paulatinamente se apropria dos discursos revolucionários para com vista a

subjugação. Esse viés mutacional é um norte para explicar como o discurso pode ser apropriado e ressignificado em vista a perspectiva do enunciador, sendo este conceito no qual Bakhtin reitera ao apresentar epistemes acerca da natureza ideológica da linguagem.

### **5. Implicações linguísticas-discursivas: o fazer docente e o ensino de literatura crítica**

Para Soares e Frigotto (2009) as discussões acerca dos gêneros discursivos e ensino ganhou fôlego, no Brasil, a partir de 1997/1998 com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no qual aponta o ensino de gêneros como uma opção para superar as aulas tradicionais de Língua Portuguesa. Assim sendo, nossa abordagem não se restringe apenas às concepções tradicionais, as quais abarcam em seu bojo as formalidades do texto escrito e os conceitos clássicos de gênero. Ao levantarmos nossa discussão por meio do letramento e retextualização, é imprescindível refletir acerca dos enunciados e, por conseguinte, os gêneros discursivos que circulam pelo contexto comunicativo.

Partindo do pressuposto acima, vale ressaltar o que vem a ser gênero e as implicações teóricas que refletem esse conceito. Desse modo enveredamos pelas concepções de gêneros discursivos articuladas por Bakhtin (1997,p.111), em que os gêneros se referem a tipos relativamente estáveis de enunciados compilados nas diferentes esferas sociais de utilização da língua.

Em diálogo com Bakhtin, nos estudos de Baldo (2004) são realizadas reflexões acerca do estudo de gêneros discursivos/ textuais na escola e como os docentes vêm trabalhando esse assunto dentro do cenário educacional. Segundo a autora, o ensino da língua tem sido tradicionalmente um modo que desmembra a competência comunicativa do aluno porque centra a reflexão do estudo de gênero sobre os aspectos formais da língua.

O papel do docente resume substancialmente em promover atividades que envolva: a valorização da ensino por meio de suas literaturas e ainda a identificação e escrita de variados gêneros textuais e discursivos aos alunos, de modo que aprendam a produzi-los e, em consequência, saibam utilizá-los no seu dia a dia.

Ao ampliarmos também a discussão no que cerne ao conceito de gênero segundo Bakhtin (1997). Dada à variedade de gêneros presentes no contexto

comunicativo, Bakhtin (1997, p. 280) aborda que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados organizados nas diferentes esferas sociais de utilização da língua; os gêneros evoluem, transformam-se, emergem socialmente, são absorvidos por outros ou somados a outros. É o que Baldo (2004) reflete em seu artigo - “Gêneros discursivos ou tipologias textuais?”- sobre essa evolução no gênero; desse modo, a autora exemplifica que o gênero carta pessoal vem, aos poucos, sendo substituído pelo e-mail.

Nesse sentido no que concerne à existência dos gêneros discursivos e relação imanente ao processo de fala, Bakhtin (1997) aponta que eles se dão por meio da interação entre os sujeitos, dentro do contexto comunicativo:

[...] Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (Bakhtin, 1997, p. 302).

Logo, é em diferentes esferas de uso da linguagem que os gêneros são apreendidos, e aqui evidenciamos o papel dos textos literários nesta relação intrínseca ao modo que aprendemos a fazer uso dos gêneros gradativamente nas diversas esferas de comunicação. Ou seja, para Baldo (2004, p.3) interagimos por meio desses enunciados concretos, uma vez que não enunciamos palavras isoladas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reiteram, em seu eixo estruturante, a valorização da pluralidade cultural brasileira como fundamento ético, estético e político da educação, defendendo a inserção qualificada das literaturas no currículo. Nesse sentido, o fomento à literatura crítica universal a partir da ótica e análise discursiva dialogam diretamente com as práticas insurgentes de possibilitar o ensino de Literatura com vista a desenvolver o processo de aprendizagem daqueles discentes das escolas públicas da Amazônia Paraense, marcadas por uma intensa diversidade étnica, social, cultural e linguística.

Ao propor o ensino dentro da obra conjuntural de George Orwell, com viés discursivo, crítico e político, este artigo compartilha da mesma premissa apresentada nos PCNs, em que o ensino de literatura não deve se restringir a formas estanques e

conteudistas, mas precisa ser um território de diálogo, reflexão e desconstrução de estereótipos. A obra de Orwell, por conseguinte, evidencia por meio de suas alegorias, as estratégias de dominação, e o caráter de manipulação no qual também podem ser lidas à ótica das experiências protagonizadas pelo alunado e, no entrelace da ficção e as nuances e camadas presentes nas práticas de opressão ainda vigentes.

Dito isto, a proposta em articular os textos literários com a análise do discurso e com o contexto sociocultural dos estudantes cumpre o que os PCNs chamam de "estética da sensibilidade", ou seja, articula-se em uma postura pedagógica na qual valoriza aos modos diversos de expressão e pensa a equidade e o respeito à dignidade humana. Esta orientação coaduna com a política da igualdade defendida nos PCNs, na qual não se restringe em garantir o acesso, mas exige um tratamento que reconheça desigualdades históricas e estruturais. Ao reconhecer os discursos presentes nos textos literários, as tradições culturais e as vozes insurgentes como potências pedagógicas, a utilização dos textos literários e Análise do Discurso atende aos fundamentos dos PCNs, como também os expande em uma direção contra-hegemônica.

Mas, acima de tudo, a política da igualdade na "Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais" (Brasil, 1998) deve ser praticada na garantia de igualdade de oportunidades e de diversidade de tratamentos dos alunos e dos professores para aprender e aprender a ensinar os conteúdos curriculares. Para isso, os sistemas e escolas deverão observar um direito pelo qual o próprio Estado faz-se responsável, no caso da educação pública: garantia de padrões mínimos de qualidade de ensino tais como definidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no inciso IX de seu Artigo 4.ª educação é um processo de construção de identidades.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura crítica da obra *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, reitera-se como uma dimensão estratégica potente para o ensino de literatura no contexto escolar, primordialmente no que concerne às escolas públicas da Amazônia, cerceadas por diversidade sociocultural e desafios emblemáticos de acesso ao conhecimento. É mediante a alegoria, da sátira e da linguagem acessível que Orwell

formula uma narrativa que ocasiona ao leitor a reflexão das diferentes formas de opressão, a sede pelo autoritarismo e manipulação, reinterpretando os sentidos desviam do plano ficcional e dialogam diretamente com o cotidiano dos estudantes.

Este artigo apresentou uma discussão a partir de um resgate histórico acerca dos atravessamentos que interferem na instauração do ensino de literatura no Brasil, considerando os aspectos históricos, e sobretudo, pensando à articulação com vista a Análise do Discurso. Além dos marcadores sociais, e deste modo evidenciamos que o texto literário, também cumpre sua função social de formar leitores críticos, esta dimensão articulada por Antonio Candido (2000), ao considerar a literatura como um aspecto humano fundamental e tem seu papel na formação da sensibilidade e da consciência ética.

O ensino literário, nesse sentido, não deve ser atrelado como simples técnica de decodificação ou exercício escolar neoliberal, mas enquanto encontro em potencial entre sujeito, linguagem e mundo. Nesse sentido, ao compreendermos a obra mediante sua historicidade, reiteramos a percepção dialógica de Bakhtin (1992) e que aqui estão reinterpretados sobre os modos como os textos são atravessados por vozes sociais e ideológicas em confluência. Deste modo, na obra “A Revolução dos Bichos” reitera o educando destas vozes em embate, cujo discurso de dominação e o de resistência, partem desta dimensão investigativa entre linguagem e sociedade.

Neste viés, este artigo apresentou uma perspectiva didático-pedagógica que supera a visão utilitarista da literatura escolar, reafirmando o ensino de Literatura enquanto espaço de insurgência, diálogo crítica e formação humana. Ler Orwell em sala de aula é, também, afirmar a potência política da leitura literária para os alunos do ensino médio, capaz de articular as subjetividades, e o conhecimento crítico acerca de gestão governamental em tempos de ruptura democrática.

Educar sob inspiração da ética não é transmitir valores morais, mas criar as condições para que as identidades se constituam pelo desenvolvimento da sensibilidade e pelo reconhecimento do direito à igualdade a fim de que orientem suas condutas por valores que respondam às exigências do seu tempo. Por esse motivo, a relação entre texto literário, Análise do Discurso (AD) permeiam este espaço de resistência em que linguagem e memória coadunam em um projeto de transformação social.

Refletindo sobre a estética da sensibilidade, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais" (Brasil, 1998) como possibilidades de construção de saberes

com vista ao fortalecimento de suas identidades, a estética da sensibilidade articula-se na dimensão do ensino de Literatura e no reconhecimento e a valorização da diversidade cultural brasileira e das formas de perceber e expressar a realidade própria dos gêneros, das etnias e das muitas regiões e grupos sociais do País. Assim entendida, a estética da sensibilidade é um substrato indispensável para um ensino crítico de literatura e a sua importância aberta à diversidade dos nossos alunos e professores, mas que não abdica da responsabilidade de constituir cidadania para um mundo que se globaliza, e de dar significado universal aos conteúdos da aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BALDO, Alessandra. Gêneros discursivos ou tipologias textuais? **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. Rio Grande do Sul: ReVEL. V. 2, n. 2, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Fundamental – Terceiro e Quarto Ciclos: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 15 jun 2025.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CASSAVIA, Gilberta Machado Luz. **O ensino da Literatura no Brasil:** Um histórico. 1981. 74f. Dissertação (Mestrado em educação) Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Edith Ione dos Santos; SOARES, Josiane de Souza. **Gêneros Discursivos:** apropriações e práticas docentes. Caxias do Sul: SIGET, 2009.

LAJOLO, Marisa. Tecendo a leitura. In: **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

NUNES, S.; CARDOSO, J. Motivação e Desempenho no Ensino Superior: Uma análise das principais dificuldades enfrentadas por estudantes. **Revista Brasileira de Educação Superior**, v. 19, n. 1, p. 50-66, 2021.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1987.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ORWELL, George. **“A Revolução dos Bichos”**. São Paulo: Círculo do Livro, 1945.

OLIVEIRA, M.; RADD, M. **Fracasso e evasão no ensino superior:** uma análise crítica. Educação e Sociedade, 2012.

OLIVEIRA, L.; RADD, M. **Desempenho Acadêmico e Reprovação:** Estudos e Reflexões. Brasília: Editora Universitária, 2012.

SOUZA, A.; MENDES, B. Práticas pedagógicas e suas implicações no desempenho acadêmico. **Revista de Educação Superior Contemporânea**, v. 12, n. 3, p. 210-225, 2020.

ZILBERMAN, Regina. (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

